

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE QUÍMICA
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA
DALIANY MARIA FARINON

**A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA AUSÊNCIA DE MULHERES NO
“SER CIENTISTA”: SOBRE REPRESENTATIVIDADE NAS CIÊNCIAS**

CAMPO MOURÃO

2018

DALIANY MARIA FARINON

**A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA AUSÊNCIA DE MULHERES NO
“SER CIENTISTA”: SOBRE REPRESENTATIVIDADE NAS CIÊNCIAS**

Projeto de Pesquisa apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Licenciatura em Química do Departamento Acadêmico de Química – DAQUI – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná– UTFPR, como requisito final para obtenção do Título de Licenciado(a) em Química.

CAMPO MOURÃO

2018



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Câmpus Campo Mourão
Diretoria de Graduação e Educação Profissional
Departamento Acadêmico de Química - DAQUI
Curso de Licenciatura em Química



TERMO DE APROVAÇÃO

A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA AUSÊNCIA DE MULHERES NO “SER CIENTISTA”: SOBRE REPRESENTATIVIDADE NAS CIÊNCIAS

por

DALIANY MARIA FARINON

Este trabalho foi apresentado em 05 de dezembro de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Química. A Candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos avaliadores abaixo assinados. Após deliberação a Banca Examinadora considerou o trabalho _____.

Prof.^o Juliano Lopes S. dos Santos
(UEL)

Prof.^a Dr.^a Cláudia Priori
(UNESPAR)

Prof. Dr. Gustavo Pricinotto
(UTFPR)
Orientador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas que, de alguma forma, tornaram esse momento possível. À minha família que, apesar das dificuldades e obstáculos, me deu suporte e apoio em todos os momentos. Meu pai, Arlei Antonio Farinon, minha mãe, Rosani Farinon e minha irmã Renata Luiza Farinon.

Ao meu magnífico orientador, Gustavo Pricinotto, que me inspira a ser resistência e buscar um mundo melhor.

À banca formada por Cláudia Priori e Juliano Lopes Soares dos Santos.

E a todos que de alguma forma me auxiliaram desde o início da minha graduação e fizeram parte dessa conquista.

RESUMO

Realizamos a análise de representações produzidas por alunos e alunas de duas instituições de ensino da cidade de Campo Mourão que expressaram, por meio de desenhos, o que significa a palavra CIENTISTA. Nesse processo buscamos compreender, sob viés dos Estudos Culturais, de que forma as possibilidades do “ser mulher” são agenciadas e estabelecidas pelos dispositivos sociais, culturais, políticos, sexuais e entre outros, para atender aos anseios do sistema patriarcal, os quais limitam os “papéis” das mulheres na sociedade. Com base nas Diretrizes Nacionais Curriculares para o ensino superior, investigamos caminhos que nos auxiliem a enfraquecer esses dispositivos para rompermos com o patriarcalismo e, assim, alcançarmos a igualdade de direitos entre os gêneros. O desejo que nós temos de viver em uma sociedade mais cidadã e igualitária, na qual as mulheres se enxerguem como modificadoras e formadoras da mesma e de si próprias, são os motivos pelos quais desenvolvemos essa pesquisa.

Palavras-chave: Estudos Culturais, mulheres, igualdade de gênero.

ABSTRACT

We performed the analysis of representations produced by students from two educational institutions in the city of Campo Mourão, who expressed, through drawings, what the word SCIENTIST means. In this process, we seek to understand, under Cultural Studies bias, how the possibilities of "being a woman" are organized and established by social, cultural, political, sexual and other devices to meet the patriarchal system's longings of the "roles" of women in society. Based on the National Curriculum Guidelines for Higher Education, we investigate ways to help weaken these devices to break with patriarchy and thus achieve gender equality. The desire we have to live in a more citizen and egalitarian society, in which women see themselves as modifiers and formers of this society and of themselves, are the reasons why we have developed this research.

Keywords: Cultural Studies, women, gender equality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. REVISÃO TEÓRICA.....	10
2.1 DA MODERNIDADE À PÓS-MODERNIDADE, OU AINDA: JAMAIS FOMOS MODERNOS?.....	10
2.2 DA CULTURA ÀS CULTURAS	12
2.3 DA IDENTIDADE À IDENTIFICAÇÃO	13
2.4 GÊNERO E A PÓS-MODERNIDADE	15
3. OBJETIVOS.....	19
3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	19
4. METODOLOGIA.....	20
5. CATEGORIZANDO E ANALISANDO AS REPRESENTAÇÕES	22
6. CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	33

1. INTRODUÇÃO

As produções modernas, tanto no que se refere às produções socioculturais dos “papéis” atribuídos às mulheres e homens, quanto nas produções acadêmicas, que evidenciam e fortalecem dicotomias de gênero (homem x mulher) influenciam diretamente a escolha das mulheres e dos homens por cursos de graduação, pois essa polarização reproduz e fomenta a desigualdade entre os mesmos. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP 2015), dos ingressantes em cursos superiores 55,8% são mulheres, porém as áreas escolhidas são, em sua maioria, Ciências Humanas, Ciência Social, Ciências da Educação e Ciências da Saúde. Enquanto os homens buscam os cursos das Ciências Exatas e Tecnologias.

É importante e nos interessa questionar como se produzem estes processos binaristas, em que cursos de graduação são previamente discriminados com tendências masculinas ou femininas. Por que a racionalidade é considerada masculina e o emocional é considerado feminino? Quais mecanismos de poder, ao longo de nossa vida (acadêmica e/ou social), produzem e influenciam “a segmentação e desigualdade por sexo no processo de escolha de curso superior?” (CARVALHO, PINTO E RABAY, p. 49 2017). Considerando que necessitamos:

(...) compreender o contexto cultural – androcêntrico e heteronormativo – em que estamos inseridos(as), as influências da socialização de gênero na construção de projetos de vida e trabalho e as maneiras como se naturalizam as diferenças sociais, já que mulheres e homens ainda são educados de forma diferente desde o nascimento em função do sexo biológico (CARVALHO, PINTO E RABAY, p. 49, 2017).

Dessa forma, é pertinente a busca pela melhor compreensão das agências e mecanismos (política, cultura, religião, educação) que fortalecem e são responsáveis para que essa cultura sexista prevaleça ao longo do tempo e espaço para que, assim, possamos estruturar e fortalecer os mecanismos opostos, que visem igualdade de direitos, criando possibilidades para a desarticulação do sexismo em todos os âmbitos sociais. Refletiremos diante dos conceitos de representatividade e resistência, sendo essa última, entendida como: “força que move, atravessa, que torce e se alimenta de outras forças, com o intuito de aumentar a potência dos corpos. É efeito de encontros capazes de mobilizar forças; é força inventiva que move e cria possíveis” (PARAÍSO,

p. 389, 2016), para que assim possamos questionar o âmbito dos dispositivos que insistem em segregar, almejando assim a mudança desse cenário.

Percebemos que essa questão da busca por igualdade de gênero ganha cada vez mais espaço nos diversos ambientes coletivos, principalmente nas escolas e nas universidades, mesmo com tantos contratempos, “intervenções” políticas e a discriminação do assunto, tentando barrar os avanços necessários. Até mesmo discursos falhos, que afirmam que a igualdade já existe, são utilizados para deslegitimar e banalizar a luta. Além da influência na escolha do curso, essa dicotomia influencia, também, a permanência das mulheres nos cursos de exatas.

O trabalho que lhes é aqui apresentado, expõe, a partir de representações ilustrativas produzidas por alunos e alunas de duas escolas da rede pública de ensino da cidade de Campo Mourão – Paraná, a possível influência dos dispositivos na educação de homens e mulheres. Considerando as relações sociais que ocorrem interna e externamente às instituições de ensino.

2. REVISÃO TEÓRICA

Desenvolveremos aqui, conceitos extremamente importantes para a melhor compreensão deste estudo. Esses conceitos construirão alguns caminhos que nos auxiliarão a compreender, parcialmente, o formato da sociedade em que estamos imersos, de que maneira ela funciona e como ela interdita ou exclui o discurso das minorias através das relações de poder, trazendo à tona, conseqüentemente, os movimentos de resistência que se opõem a organização dessa sociedade e lutam em busca de uma forma igualitária da mesma.

A seguir, discorreremos os caminhos percorridos entre a modernidade e a pós-modernidade, flertando com a possibilidade da não existência da modernidade, como propõe Latour, visando compreendê-los. Ainda nesse viés, buscaremos entrelaçar essa perspectiva com a ruptura de dogmas fechados e estabelecidos singularmente, como a ideia de Cultura, dando espaço à pluralidade e à multiplicidade das culturas. Da mesma forma, a ideia de Ciência e ciências. E, ainda, a constante ressignificação de identidade que vivem os sujeitos, sempre se transformando através das relações sociais para formar a identificação.

2.1 DA MODERNIDADE À PÓS-MODERNIDADE, OU AINDA: JAMAIS FOMOS MODERNOS?

Historicamente, a modernidade é reconhecida como um conjunto de transformações culturais, econômicas, políticas e sociais que se referem “a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (GIDDENS, p. 8, 1990). De acordo com Touraine (1998), a modernidade rompe com a sociedade tradicionalista, na qual a base estruturante é a fé e passa a ser uma sociedade alicerçada na racionalidade, ou seja, em uma perspectiva científica, a Ciência¹ passa a ser o novo Deus e a responsável pela solução de todos os problemas da sociedade.

¹ Para Latour (2000), a ideia de Ciência, com C maiúsculo e no singular, alinha-se a perspectiva moderna de se pensar as possibilidades científicas, fazendo referência a algo singular e de extrema superioridade. Para Latour, quando esse trata da temática modernidade e não-modernidade, nesta última, o termo a ser utilizado, diante da heterogeneidade científica, e de seus bastidores nada lineares, em meio a jogos de convencimento e

Neste sentido, observa-se, similarmente, um processo de polarização cultural, social, político e de produção de identidades binaristas na Ciência. Por meio de um processo extenso que “naturalmente” é camuflado pelos modernos após um longo processo de purificação, busca-se determinar padrões “naturais” a serem seguidos, visando a higienização dos povos, fragmentando a sociedade e compreendendo-a separadamente entre: bem e mal, homem e mulher, público e privado, alta cultura e baixa cultura, etc.

É nessa perspectiva que se tornam potentes as práticas machistas, homofóbicas, transfóbicas e de gênero em seu contexto mais geral, pois, “a sociedade patriarcal se satisfaz com a racionalidade, com o controle da vida e com a busca de explicações simples para os mais complexos fenômenos” (FAGÚNDEZ, 2004). Neste caso, as formas de controle são embasadas em potencialidades e (im)possibilidades de uma naturalização do ser homem ou mulher, sempre em referência ao binário, esquecendo-se de todo o processo de articulações que produziram os mesmos, tornando-os naturais, a ponto de serem locais de referência para julgar aquele que não se encaixe nas normas.

Pensar sob esta perspectiva nos levaria a um processo sem volta, que nos limitaria a um mundo sem possibilidade para pensar o diferente, sem a fluidez que atualmente tanto discutimos nas relações humanas. Os binários somente teriam sentido, em uma sociedade desvinculada de relações, dissociada das ações mundanas. Se, segundo Bauman (2001,2003, 2004), a sociedade é líquida, assim como o amor, as relações, a cultura, a educação, a modernidade também deixará sua solidez para trás, dando espaço para uma fluidez e agitação mais próxima ao mundo líquido das relações.

Assim, ao pensarmos nas “fissuras” da proposta moderna, estamos de acordo com afirmação feita por Souza (2012), em que ele indica que para Bauman e Lyotard, a modernidade ainda está em seu curso, o que faz com que a pós-modernidade torne-se a continuação e não o fim da modernidade. Essa continuidade é “o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras do jogo da Ciência, da Literatura e das Artes, a partir do final do século XIX” (LYOTARD, p. 15, 1988). É nesta

interesse, deveriam contemplar ciências, no plural e com c minúsculo, dando abertura as contingências e hibridizações do termo e seus meios de produção.

continuidade das transformações, nesta sociedade não polarizada e predefinida que vemos sentido neste trabalho para pensar os não binários de gênero.

Nos parece interessante pensar as questões de gênero, anteriormente polarizadas pelos modernos entre homens e mulheres, para além dos binarismos da modernidade. Ainda é interessante ressaltar, como afirma Latour (1994) que talvez em nenhum momento tenhamos atingido a modernidade, e portanto, não haveríamos de pensar em uma pós-modernidade, mas sim em que vivemos sempre em uma não-modernidade, pois estaríamos sempre na busca por articular os mais distintos elementos para sustentar nossas afirmativas binaristas, mas nunca atingimos as mesmas.

Nesse sentido, é relevante recorrermos as questões não-binárias da não-modernidade, principalmente no que tange as questões de Cultura e identidade, ou como iremos melhor tratar adiante, culturas e identificações.

2.2 DA CULTURA ÀS CULTURAS

No mesmo viés que tomamos uma reorganização do termo Ciência e ciências, tentaremos fazer uma releitura a do termo Cultura. Para o início deste pensamento, compartilhamos do que Cevalco (2003) propõe, pois para ela, “o sentido das palavras acompanha as transformações sociais ao longo da história e conserva, em suas nuances e conotações, muito dessa história”. É sobre esse ponto de vista que falaremos da transição do significado da palavra Cultura, sugerido pelo título acima.

Como explicitado anteriormente, a modernidade traz consigo os binarismos ou polarizações. Dentro disso, observamos a separação da cultura entre alta cultura (Cultura) e baixa cultura. “Nesse sentido, a Cultura foi durante muito tempo pensada como única e universal. Única porque se referia àquilo que de melhor havia sido produzido; universal porque se referia à humanidade, um conceito totalizante, sem exterioridade” (VEIGA-NETO, 2003), ou seja, ela era segundo Cevalco (2003), posse de um grupo seletivo e distinguia socialmente os sujeitos, como se fossem superiores. Tudo que não fizesse parte da cultura erudita era baixa cultura, não tendo, portanto, valor social.

Esse cenário começa a mudar quando “na Inglaterra dos anos 1950, momento de estruturação da disciplina de estudos culturais, o debate sobre a cultura parece concentrar muito no sentido de mudança em uma sociedade que se reorganiza no segundo pós-guerra” (CEVASCO, 2003). Para Veiga-Neto (2003), essa mudança está diretamente ligada à crise da modernidade, portanto

“é inseparável de uma dimensão política em que atuam forças poderosas em busca pela imposição de significados e pela dominação material e simbólica. (...) isso se torna mais agudo quando se trata de significações no campo da cultura, justamente o campo onde hoje se dão os maiores conflitos, seja das minorias entre si, seja delas com as assim chamadas maiorias” (VEIGA-NETO, p. 11, 2003)

Consideramos nesse contexto as maiorias como a classe dominante, detentora do poder e as minorias como a classe dominada. Com a utilização do termo “culturas”, passa-se a considerar a pluralidade dos sujeitos e de seus modos de vida. Entre a cultura erudita e a cultura das massas se encontram os híbridos de cultura e assim, “somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, p. 13, 2004). São essas hibridizações que se tornam nosso enfoque de interesse e de luta, espaço potente para se repensar a representatividade dos sujeitos não binários.

2.3 DA IDENTIDADE À IDENTIFICAÇÃO

Neste âmbito cambiável da identidade, de sua hibridização em meio aos diversos elementos que cruzam e rearticulam as culturas, visamos repensar a proposta da modernidade de uma Cultura singular com sujeitos fixos e estáveis. Para este trabalho, a não-modernidade é uma potente perspectiva que aponta para as “não-culturas” de forma inclusiva e diversificada, dando espaço a sujeitos maleáveis, instáveis, em constante formação e modificação. Seguindo o mesmo (des)caminho dos itens anteriores apresentados, ressignificamos Ciência, ressignificamos Cultura, e agora buscaremos apresentar uma ressignificação da Identidade, dando espaço para o que Stuart Hall chama de identificação.

Em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade” (2004), o autor questiona a existência de uma “crise de identidade”, na qual o sujeito universal está em decadência, possibilitando mudança estrutural na estabilidade social dos indivíduos modernos, chamada de “duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos” (HALL, p. 9, 2004) propiciando o fracionamento e transformação das “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. (...) também mudando nossas identidades pessoais” (ibid.).

Hall (2004) nos fornece em seu estudo três concepções de identidade dos sujeitos. O Iluminista, que teria uma identidade fixa, nasce e com ela permanece de forma idêntica por toda sua vida. O sociólogo que ainda possui certa estabilidade, mas permite que ela se modifique através do contato e influência de pessoas próximas. E o sujeito pós-moderno que é o que está em constante transformação, sua identidade muda a todo momento, criando inúmeras possibilidades de ser. Portanto, é no sujeito pós-moderno que observamos mais intimamente sua descentração. Ele expõe cinco grandes descentrações. Uma delas, é a dos novos movimentos sociais ou, mais especificamente, os feminismos, “tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social” (HALL, p.44, 2004) e que questiona as mais variadas estruturas estáveis da sociedade: “a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, etc.” (HALL, p.45, 2004), e categoriza como questão política e social a generificação dos sujeitos. Questionando o lugar da mulher na sociedade e estendendo-se a “formação das identidades sexual e de gênero” (HALL, p.46, 2004).

Os feminismos juntamente com outros movimentos sociais criam, através das relações pessoais, identidades próprias para cada movimento. Podemos dizer então, ainda de acordo com Hall (2004), que enquanto sujeitos que se relacionam a todo momento com outros sujeitos, se formam e se modificam constantemente através dessas relações, temos uma identificação, que seria a identidade sempre em ação, é a modificação da identidade através das relações sociais e de poder.

2.4 GÊNERO E A PÓS-MODERNIDADE

Primeiramente, trataremos aqui de um conceito essencial para este trabalho, a representação. Ao representar algo “o sujeito de certa forma o constitui, o reconstrói em seu sistema cognitivo” (MAZZOTTI, p. 17, 2002). A representação, de acordo com Jodelet (1989), seria “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, tendo um objetivo prático e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (p. 36). A representação é influenciada pelo contexto social e ideológico em que estamos inseridos.

Como mencionado na seção anterior, os feminismos trouxeram para a pauta mundial as questões sobre gênero, sendo a principal delas a construção social do espaço/papel das mulheres na sociedade. Para entender a necessidade e importância disso, faz-se necessário compreender como a estrutura social do nosso país foi formada.

De acordo com Follador (2009), devemos considerar a colonização ocidental a que fomos submetidos e que, conseqüentemente, levou a apropriação de costumes e conceitos portugueses. Dentre esses conceitos está o do homem em relação à mulher. Sendo assim,

“a exigência de submissão, recato e docilidade foi imposta às mulheres. Essas exigências levavam à formação de um estereótipo que relegava o sexo feminino ao âmbito do lar, onde sua tarefa seria a de cuidar da casa, dos filhos e do marido, e, sendo sempre totalmente submissa a ele” (FOLLADOR, p. 8, 2009).

Esse conceito é pautado na ideologia cristã e compara a mulher que se adequa aos padrões à Maria e a mulher que foge aos padrões à Eva. Vemos em ação, portanto, um mecanismo fortalecedor do dispositivo do machismo, mecanismo esse que cria dicotomias de bem e mal e impõe determinados comportamentos às mulheres para que o patriarcalismo vigore e mantenha o poder nas mãos do gênero masculino. Quando, posteriormente, a Ciência passa a ser o novo Deus da sociedade, ela se apropria dos binarismos cristãos, excluindo a mulher da produção científica, assim como as excluía da participação política e atuação social.

Esse comportamento ainda é observado nos dias atuais na nossa sociedade e compreender mais afundo como esses elementos fortalecem o dispositivo, expõe de que maneira somos controlados e como isso influencia na nossa construção social de gênero, uma vez que o gênero, por ser uma construção social “não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado” (BUTLER, p. 25, 2010)

Para Joan Scott (p. 89, 1990), gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” ou ainda “gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. Buscando a raiz da palavra poder, temos que:

“vem do latim vulgar *potere*, substituído ao latim clássico posse, que vem a ser a contração de *potis* esse, “ser capaz”; “autoridade”. Dessa forma, na prática, a etimologia da palavra poder torna sempre uma palavra ou ação que exprime força, persuasão, controle, regulação etc.” (FERREIRINHA et al, p. 369, 2010).

Portanto, podemos dizer que as relações de poder, que se desenvolvem em meio e por meio da sociedade e da cultura, produzem formas de ser homens ou mulheres. Uma vez que vivemos em uma sociedade estruturada patriarcalmente. Essa estrutura é denotada “por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre as mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura” (BARRETO, p. 64, 2004).

Vivendo essa estrutura patriarcal, coexistimos com a tentativa de produção de uma mulher doméstica, ou serviçal, que age sob demanda do gênero masculino. Não existindo a possibilidade de fazer algo por si mesmas, pois a partir do momento que tentam fazê-lo são excluídas e julgadas como impuras ou, nas palavras de Jean-Jacques Rousseau, “uma mulher, fora de sua casa, perde seu mais reluzente brilho; e despojada de seus verdadeiros ornamentos, ela mostra-se com indecência” (ROUSSEAU, 1954 p. 193). Dessa forma, vemos que os caminhos que foram e estão sendo trilhados em busca da igualdade de gênero têm sido tortuosos, pois os mais distintos elementos, sujeitos e objetos, instituições e política, se articulam para

identificar e padronizar o “ser mulher”, retratando-as como inferiores, que não são capazes de realizarem determinadas atividades e são agenciadas, como afirma Foucault (1996), pelas formas de interdição do agir e do falar . As formas de interdição são maneiras de controle do discurso externo utilizadas pelas instituições com o objetivo de manter o poder. As áreas onde mais podemos perceber essas interdições são a sexualidade e a política.

A interdição dos discursos das mulheres tem o intuito de fortalecer o sistema patriarcal e manter o homem no poder, o que faz com que a desigualdade de gênero seja uma forma de manutenção desse controle. Sendo assim, em decorrência desse controle surgem os movimentos ou formas de resistência. Como citado anteriormente os feminismos são uma forma de resistência que, assim como outras, rearticulam as formas de poder através da árdua luta contra uma sociedade historicamente machista. Uma das principais conquistas foi “a criação da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) em 1985, em São Paulo, cujos impactos repercutiram, positivamente, nos segmentos menos privilegiados da sociedade” (BANDEIRA, p. 402, 2009). Assim como a Lei nº 11.340/2006, a Lei Maria da Penha, que

“Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher” (BRASIL, 2006, art. 226).

E a Lei nº 13.104/2015, Lei do Feminicídio, que

“Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos” (BRASIL, 2015)

São essas conquistas, dentre outras, que possibilitam, cada vez mais, a representatividade e visibilidade feminina dentro dos mais diversos âmbitos, inclusive o das ciências, pois elas desestruturam o binarismo patriarcal, dando possibilidades para novas rearticulações do ser mulher.

Compreendemos que os obstáculos encontrados são difíceis de serem ultrapassados devido à articulação muito bem estruturada desse sistema que faz com que até mesmo as mulheres acreditem que cabe aos homens decidirem o que elas podem ou não fazer. Nota-se, no entanto, a importância da resistência, pois além de lutar por mudanças, ela também auxilia na conscientização dos sujeitos em relação aos seus direitos, agregando à luta pela igualdade de gênero.

3. OBJETIVOS

Desenvolver atividades de confecção de desenhos com estudantes da rede Básica de Ensino da cidade de Campo Mourão, sobre o “ser cientista”;

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Buscar articulações que demonstrem se e como ocorrem os processos de exclusão das mulheres dos ambientes científicos;

Compreender, se e como, as limitações são produzidas na identificação das mulheres dentro do lócus educacional.

Analisar estatisticamente as representações feitas pelos alunos e alunas.

4. METODOLOGIA

Nesta pesquisa teremos o método qualitativo como referência básica, mas não única, para as análises, por considerarmos que o que buscamos neste trabalho se entrelaça com esse tipo de pesquisa, que visa “estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (GODOY, p. 21, 1995) e “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, p. 21-22, 2001) proveniente das mais profundas relações sociais.

O estudo foi baseado na análise das representações, através de desenhos de educandos e educandas do Ensino Básico (Ensino Fundamental e Médio), e a intenção foi mostrar a importância da representatividade durante o processo institucional de educação. Por se tratar de um estudo baseando-se na perspectiva da pós-modernidade, acreditamos que não podemos nos delimitar ao estudo qualitativo, podendo, em algum momento, nos conectarmos a perspectivas da análise quantitativa das imagens.

A pesquisa foi realizada em duas instituições de ensino da cidade de Campo Mourão² que foram selecionadas de acordo com dados disponibilizados pelo Núcleo Regional de Educação da cidade (NRE-CM). Na sequência compareceu-se a esses locais para solicitar a colaboração dos profissionais, explanando o que pretendíamos com o estudo e sua importância para a sociedade. O NRE-CM contempla 16 municípios da região e, em Campo Mourão, atende 17 instituições³.

Foram coletadas informações de quatro turmas do Ensino Básico das seguintes instituições: Colégio Estadual de Campo Mourão, na região central, e a Escola Municipal Bento Mossuruga, na região periférica da cidade. No Colégio Estadual foi realizada a coleta no 3º ano do Ensino Médio (EM), com um total de dezessete

² O município de Campo Mourão encontra-se na região centro-oeste do estado do Paraná, fazendo parte das rotas de integração entre os principais centros urbanos e o Mercosul, e sua população soma mais de 90 mil habitantes. Consolidado como Polo Brasileiro de Alimentos, o município gera renda e empregos, majoritariamente, da produção agrícola (soja e milho) e frigorífica (carne bovina e de frango). Além disso, a economia também se movimenta através de outros segmentos industriais, como a área têxtil, eletrônica, entre outros. (Informações obtidas em: <https://campomourao.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/1>, 4 de junho de 2018).

³ Informações obtidas em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=41>, 4 de junho de 2018.

representações, e no 9º ano do Ensino Fundamental (EF), com 25 representações coletadas. Na Bento Mossurunga a coleta ocorreu no 5º e 1º ano do Ensino Fundamental (EF). No 5º ano foram coletadas 18 representações e no 1º foram 15 representações. Foram escolhidas instituições em áreas distintas da cidade, uma na região central e outra na região periférica, para que o estudo possa abranger as relações sociais em diferentes âmbitos, buscando compreender como determinadas contingências sociais, podem interferir na ideia de representação dos estudantes. As séries foram selecionadas levando em consideração os períodos de transições mais evidentes, que seriam do pré-escolar para o 1º ano do EF I, o 5º ano do EF I buscando compreender o que acontece nas concepções dos alunos e alunas no fim desse período. Da mesma forma para o 9º ano do EF II e o 3º ano do EM.

Para o desenvolvimento da pesquisa adentramos às salas dos anos e turmas selecionados, fornecemos folhas A4 e cada estudante deveria representar, através de um desenho, podendo ser complementado/explicado por meio de escrita, a resposta para a seguinte afirmativa: "na folha que estão recebendo vocês devem fazer necessariamente um desenho, podendo ser explicado/complementado por meio da escrita, representando a seguinte palavra: CIENTISTA (escrevemos na lousa a palavra de forma isolada). Estipulamos um tempo de aproximadamente 30 minutos para que desenvolvessem a atividade. Após o término da mesma, recolhemos as folhas para posterior categorização e análise das representações.

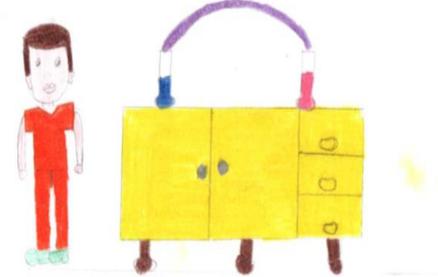
De acordo com Moraes (2003), a categorização consiste em agrupar os dados coletados conforme suas características semelhantes. Essa proximidade entre os elementos constitui as categorias, que possibilitarão e produzirão o discurso da análise, viabilizando novas compreensões acerca do objeto de estudo. Foi a partir dessa perspectiva que categorizamos, na seção seguinte, as representações coletadas.

O que pretendemos é realizar um levantamento quantitativo em relação ao número de meninos e meninas pesquisados e o número de representações de mulheres e homens.

5. CATEGORIZANDO E ANALISANDO AS REPRESENTAÇÕES

Serão expostas e descritas abaixo, as informações coletadas dispostas em tabelas e gráficos, os parâmetros utilizados na determinação do que foi considerada uma representação feminina e masculina para este estudo e as análises e discussões de acordo com os dados categorizados. Deixando-se explícito que as representações podem ser de homens e mulheres independentemente de sua identificação cis ou transgêneros. Não foram considerados aqui as representações não-humanas por não serem do interesse e dos objetivos deste trabalho, mas é importante ressaltar, que os dados coletados podem ser reanalisados e discutidos sob outro viés, incluindo as perspectivas de influências dos não-humanos na produção do ser cientista.

Para que fosse possível categorizar, de acordo com o gênero, as representações que os estudantes produziram durante a pesquisa de campo, foi necessário estabelecer características que possibilitaram a diferenciação dos gêneros feminino e masculino nas mesmas. O principal parâmetro utilizado para categorizar esses desenhos da pessoa cientista como feminina ou masculina foi o cabelo. Foi considerada masculina, aquela que apresentava a pessoa cientista com cabelo curto e feminina aquela com cabelo comprido. Estabelecer parâmetros foi pertinente para a categorização. O objetivo não é reforçar os estereótipos de gênero, pois há consciência que existem mulheres de cabelo curto e homens de cabelo comprido. Porém, em diálogo com alguns estudantes durante a realização das representações, todos afirmaram que os desenhos com sujeitos de cabelo curto eram homens, e o contrário, mulheres, como, por exemplo, as figuras 1 e 2 abaixo.

Figura 1: gênero masculino

Fonte: arquivo pessoal (2018)

Figura 2: gênero feminino

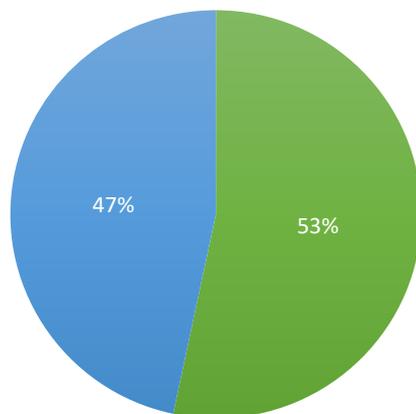
Fonte: arquivo pessoal (2018)

A tabela 1 e os gráficos 1, 2, 3 e 4 apresentam a quantidade de alunos e alunas em cada série.

Tabela 1: quantidade de alunos e alunas em cada série

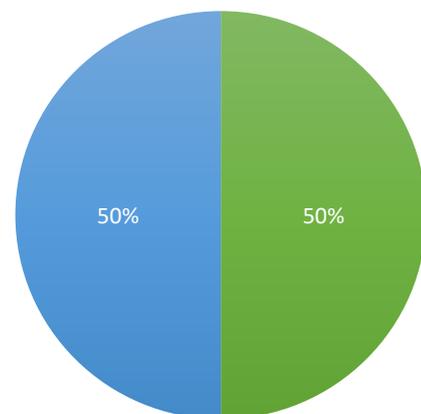
Séries	1º ano EF	5º ano EF	9º ano EF	3º ano EM
Masculino	8	9	12	8
Feminino	7	9	13	9

Fonte: autoria própria (2018)

Gráfico 1: dados referentes a tabela 1.**Gráfico 2:** dados referentes a tabela 1.**1º ano EF**

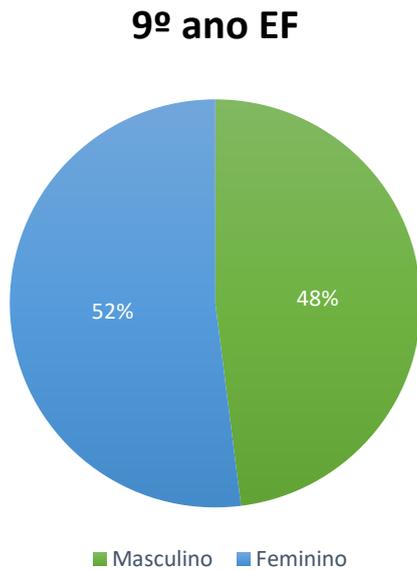
■ Masculino ■ Feminino

Fonte: autoria própria (2018)

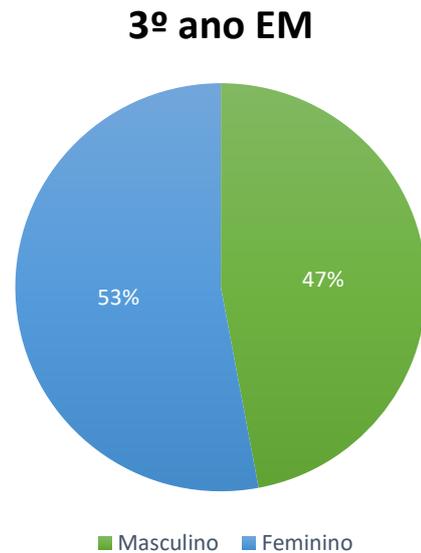
5º ano EF

■ Masculino ■ Feminino

Fonte: autoria própria (2018)

Gráfico 3: dados referentes a tabela 1.

Fonte: autoria própria (2018)

Gráfico 4: dados referentes a tabela 1.

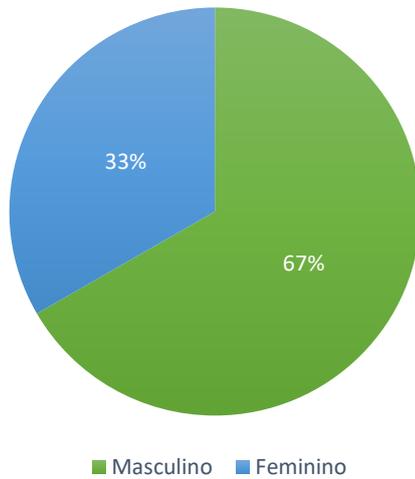
Fonte: autoria própria (2018)

Observando as informações da Tabela 1 e as ilustrações dos gráficos 1, 2, 3 e 4 percebemos um equilíbrio, no que diz respeito à quantidade de alunos e alunas em cada série. No 1º ano temos 8 alunos (53%) e 7 alunas (47%), no 5º temos 9 alunos (50%) e, igualmente, 9 alunas (50%), no 9º ano temos 12 (48%) alunos e 13 (52%) alunas e no 3º ano temos 8 (47%) alunos e 9 (53%) alunas.

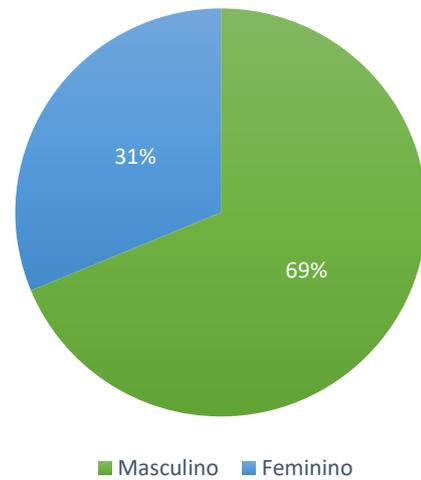
Tabela 2: quantidade de representações masculinas e femininas

Séries	1º ano EF	5º ano EF	9º ano EF	3º ano EM
Masculino	8	11	8	9
Feminino	4	5	4	2

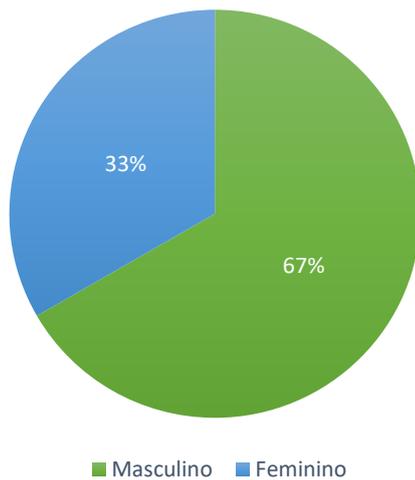
Fonte: autoria própria (2018)

Gráfico 5: dados referentes a tabela 2.**1º ano EF**

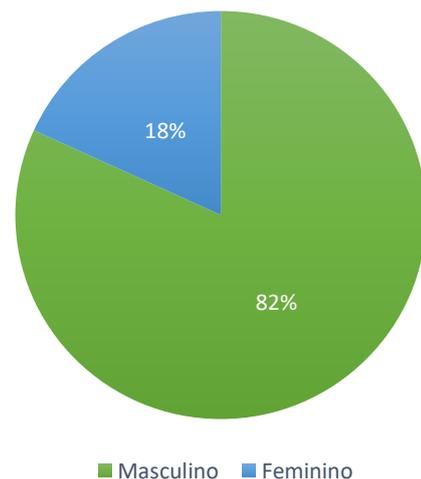
Fonte: autoria própria (2018)

Gráfico 6: dados referentes a tabela 2.**5º ano EF**

Fonte: autoria própria (2018)

Gráfico 7: dados referentes a tabela 2.**9º ano EF**

Fonte: autoria própria (2018)

Gráfico 8: dados referentes a tabela 2.**3º ano EM**

Fonte: autoria própria (2018)

Quando comparamos o número de alunos e alunas (Tabela 1) em relação as representações produzidas, o equilíbrio citado acima se desfaz. As representações masculinas estão, expressivamente, em maior número, como podemos observar na Tabela 2 e nos Gráficos 5, 6, 7 e 8.

No 1º ano, de um total de 12 representações, 8 (67%) são masculinas e, apenas, 4 (33%) são femininas. No 5º ano, num total de 16 representações, 11 (69%)

são masculinas e, somente, 5 (31%) são femininas. No 9º ano, de um total de 12 representações, 8 (67%) são masculinas e, apenas, 4 (33%) são femininas. E no 3º de um total de 11 representações, 9 (82%) são masculinas e 2 (18%) são femininas.

As tabelas 3, 4, 5, e 6 apresentam os dados de quantos homens e mulheres foram representados de acordo com o gênero de quem produziu as representações.

Tabela 3: representações de cada gênero 1º ano

Cientistas		
	Homens	Mulheres
Alunos	5	1
Alunas	3	3

Fonte: autoria própria (2018)

Tabela 4: representações de cada gênero 5º ano

Cientistas		
	Homens	Mulheres
Alunos	7	0
Alunas	4	5

Fonte: autoria própria (2018)

Tabela 5: representações de cada gênero 9º ano

Cientistas		
	Homens	Mulheres
Alunos	5	0
Alunas	3	4

Fonte: autoria própria (2018)

Tabela 6: representações de cada gênero 3º ano

Cientistas		
	Homens	Mulheres
Alunos	4	1
Alunas	5	1

Fonte: autoria própria (2018)

Na Tabela 3 e Tabela 4, observamos quantos alunos e alunas reproduziram o gênero masculino e quantos reproduziram o feminino. Das 8 representações masculinas do 1º ano 5 foram produzidas por alunos e 3 por alunas e das 4 representações femininas 1 foi produzida por um aluno e 3 foram produzidas por alunas. As Tabelas 5 e 6 nos mostram que, das 8 representações de cientistas do

gênero masculino, 5 foram produzidas por alunos e 3 por alunas. E, das 4 representações de cientistas do gênero feminino, nenhuma foi produzida por alunos, todas por alunas. Não foram considerados aqui as representações não-humanas devido a não serem do interesse e dos objetivos deste trabalho, mas é importante ressaltar, que os dados coletados podem ser reanalisados e discutidos sob outro viés, incluindo as perspectivas de influências dos não-humanos na produção do ser cientista.

No processo de ida às escolas com o intuito de conversar com os diretores(as), orientadores(as) e/ou pedagogos(as) para podermos realizar nossa pesquisa de campo, tivemos uma experiência que retrata o tabu imposto à palavra gênero e sua significância. Na primeira escola que fomos, o Colégio Estadual de Campo Mourão, os profissionais foram extremamente atenciosos e, inclusive, destacaram a importância da pesquisa para a educação e sociedade como um todo.

Com o objetivo de linearidade de informações, procuramos saber de qual instituição vinham a maioria dos alunos e alunas que ingressavam no 6º ano do Colégio Estadual. Fomos ao NRE, que nos forneceu os dados necessários. A Escola Municipal Gurilândia, era a escola com maior índice de estudantes que ao terminarem o 5º ano do EF ingressavam no 6º Colégio Estadual e por esse motivo fomos até a instituição explicar a nosso estudo e pedir a colaboração para podermos realizar a pesquisa de campo, porém, logo no primeiro contato ao dizermos que nosso trabalho era baseado nos estudos de gênero percebemos o receio dos profissionais, que ao final da conversa justificaram o período de provas como impróprio para a realização da pesquisa. E a segunda instituição com maior índice de estudantes que migravam para o Colégio Estadual, era a Escola Municipal Bento Mossurunga, na qual realizamos o restante da coleta dos dados e fomos recepcionados de forma excepcional e, assim como no Estadual, tivemos o reconhecimento da importância do estudo.

Os dados expostos e discutidos aqui neste trabalho trazem à tona informações importantes para as discussões sobre gênero. O sistema e as formas de poder e controle social que estruturam e fomentam o patriarcalismo ainda estão fortes e muito bem estabelecidas dentro da instituição máxima de uma possível e idealizada mudança social: a escola, nosso *locus* de pesquisa.

Percebemos com os dados obtidos que o sistema educacional, de fato, é (re)produtor e (re)produzido por dispositivos culturais, sociais, políticos que prezam pela hegemonia masculina e que despotencializam as mulheres de sua própria subjetivação e potencialidade de ser uma cientista. Isso pode ser observado na figura a seguir, que representa a mulher cientista à frente de um quadro exercendo o papel de professora, ou seja, dentro da possibilidade de ser mulher e cientista a mulher está limitada a apenas reproduzir a ciência que os homens produzem e não produzir a sua própria ciência. Notamos assim, as relações de poder e sua influência na construção social dos gêneros bem como, a forma que essas relações buscam determinar identidades fixas ao invés de uma identificação fluída e móvel.

Figura 3: representação de estudante do 9º ano do EF



Fonte: arquivo pessoal (2018)

Podemos notar essa potencialidade das instituições educacionais, pois, ao aliamos diversos elementos discursivos, se fortalecem ao descredenciar as potencialidades do ser mulher. Isso está descrito nos dados supracitados. De 51 representações analisadas, apenas 15 delas foram representações de cientistas

mulheres, ou seja, mais de 70% das representações são de cientistas homens. Se olharmos, então para o que as alunas representaram, vemos, de forma bem mais evidente essa privação imposta as mulheres. Fazendo uma análise direta do 1º ano do EF para o 3º ano do EM, temos uma diminuição de aproximadamente 15% de representações de cientistas classificadas como femininas.

Essa diminuição de representações femininas é exercida pelas alunas participantes do estudo. Enquanto essas diminuem, as representações masculinas produzidas por alunas aumentaram. É fundamental ressaltarmos, concomitantemente, que enquanto as alunas produziram inúmeras representações masculinas, os alunos, por outro lado, são responsáveis por 2 das 15 representações de cientistas do gênero feminino. É visível, diante desses dados, o discurso modernista de Ciência e Cultura como elementos singulares e verticais, onde o homem se encontra no topo, controlando tudo. A falta de representatividade feminina no ambiente escolar e a ênfase nos feitos masculinos induz os meninos a se enxergarem como superiores pois eles estão representados de diversas maneiras, enquanto as mulheres, por não serem representadas, acabam não se enxergando como sujeitos também capazes de ocupar esses espaços. A baixa representatividade feminina nas diversas esferas sociais está relacionada ao baixo número de representações de cientistas mulheres. Uma vez que, se às meninas não são mostradas as produções femininas nas ciências, elas não se representarão como produtoras das ciências.

Diretamente ligado a isso, está o fato que, segundo Algranti (2004), se arrasta desde o século XX até hoje, o dualismo mente/corpo associado ao par macho/fêmea que sugere que as mulheres seriam corpos frágeis e por isso teriam sua atuação social limitada, enquanto os homens, seres racionais, cumpririam o papel social, intelectual e político.

Pois bem, estaria, dessa forma, tudo perdido para nós mulheres, diante de discursos tão fortemente articulados? Para as lutas e avanços conquistados à duras penas em prol dos direitos das mulheres? Seria esse o fim, nos rendermos ao sistema e dançar conforme a música? Se continuarmos a colocar nossos estudantes diante de uma sociedade patriarcal bem articulada e dogmatizada, a resposta para as perguntas certamente será sim, mas se repensarmos estes enlaces, se

desarticularmos os nós que nos afrontam, a resposta pode ter outro caminho, e assim sendo, possamos fortalecer a luta dos movimentos sociais, principalmente os feminismos, que desde a década de 70 buscaram romper com a estrutura do machismo que nos consome diante dos dualismos da possível fragilidade feminina.

Um exemplo lindo dessa resistência pode ser observado abaixo na figura 4. Essa representação remete às bruxas e todo seu conhecimento científico, que foram perseguidas, torturadas e queimadas vivas. Para se ter uma ideia “cerca de 90% dos acusados de bruxaria eram mulheres [...] muitas mulheres acusadas de bruxaria eram herboristas competentes no uso de plantas locais para curar doenças e mitigar dores” (BURRESON; LE COUTEUR, p. 206, 2006). Segundo Rosângela Angelin (2016) as acusadas eram em maioria mulheres que tinham conhecimento das plantas e sabiam como usá-las para tratar das enfermidades e epidemias nas aldeias e, conseqüentemente, eram valorizadas socialmente. A sabedoria era passada de umas para as outras para ninguém ficasse sem o auxílio que elas ofertavam.

As mulheres acusadas de bruxaria eram caçadas pois eram uma ameaça as doutrinas cristãs e toda sua estrutura fortemente montada. Elas foram sinônimo de resistência, de empoderamento feminino, da fuga dos padrões teocêntricos e, por consequência, dos padrões modernistas e nos inspiram até hoje na luta contra os binarismos que querem definir e despotencializar os seres híbridos.

Figura 4: representação de estudante do 3º ano do EM



Fonte: arquivo pessoal (2018)

As representações apresentadas aqui trazem alguns dados reais que demonstram como o machismo influencia potencialmente nossos estudantes, mas elas são também possibilidades para nos inspirar e dar caminhos para questionar a sociedade patriarcal. Enquanto fazíamos a pesquisa de campo no 1º ano do EF, eu, Daliany, conversava com algumas crianças aguardando os outros alunos e alunas finalizarem as representações, e uma aluna me entregou o seu desenho, toda orgulhosa, e de repente eu senti um abraço em minhas pernas e, para minha surpresa, quando olho para o lado ela estava ali abraçada em mim e me olha e diz: “tia, gostei muito de você”. É isso que nos inspira a lutar cada dia mais pela igualdade de direitos, para a superação, de fato, das identidades definidas e da disparidade social, cultural, política entre homens e mulheres. É para que essa e todas as meninas saibam que elas podem ser o que elas quiserem independentemente do digam a elas, pra que elas se enxerguem dentro das culturas e das ciências e entendam que elas fazem parte disso.

Se diante dos possíveis nós górdios⁴ que são impostos a nós a todos instantes, como problemas impossíveis de serem solucionados, nos pusermos a desarticula-los e rearticula-los dando voz as mulheres, podemos dar novos rumos e perspectivas para as mulheres diante deste cenário.

Quem pode ser cientista? Todos e todas podem ser cientistas. E precisamos fazer com que essa resposta chegue aos ouvidos dos estudantes, da sociedade, das escolas munida de toda sua significância para a desestruturação das agências que a mantêm “escondida” a possibilidade do “ser cientista” e do ser mulher. Se essas representações lhes são apresentadas neste trabalho, quer dizer que algum elemento da tríade – escola, sociedade e pais ou responsáveis – está cumprindo seu papel na caminhada para uma educação justa onde, meninos e meninas, se entendam como sujeitos modificadores e formadores da sociedade e do seu próprio ser. Ainda há espaço para questionarmos e rearticularmos o sistema, nem todos os elementos estão presos em prol do patriarcado.

⁴ O nó górdio está atrelado a uma lenda que envolve Alexandre o Grande, e normalmente é utilizado para pensarmos em um problema de difícil solução, que é impossível de ser questionado.

6. CONCLUSÃO

Sob a perspectiva dos Estudos Culturais, pudemos desconstruir e compreender as articulações dos dispositivos que elevam e fortalecem o discurso machista dentro das instituições educacionais. As redes formadas por esses dispositivos despotencializam a mulher enquanto multiplicidades do “ser mulher”, inclusive o “ser cientista”.

Neste sentido, como este trabalho veio a contribuir enquanto trabalho de conclusão de curso de um licenciado em Química? Segundo o art. 8, inciso VII das Diretrizes Curriculares Nacionais (2015) para a formação inicial em nível superior,

“O (A) egresso(a) dos cursos de formação inicial em nível superior deverá estar apto a: identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras;” (BRASIL, 2015)

Diante disso, acreditamos que há possibilidades para rearticularmos estes diversificados e heterogêneos elementos em prol de uma formação que vise a potencialidade das mulheres em seus mais diversos âmbitos, inclusive o das ciências. A igualdade de gênero tem sua raiz na educação básica, e é principalmente nesse âmbito que precisamos fomentar e falar de representatividade feminina.

REFERÊNCIAS

ALGRANTI, L. M. In: MARTINS, A. P. V. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, 287 p.

ANGELIN, R. **A “caça às bruxas”: uma interpretação feminista**. Portal catarinas, 2016. Disponível em: <http://catarinas.info/a-caca-as-bruxas-uma-interpretacao-feminista/> Acesso em: 13 dez 2018.

BANDEIRA, L. **Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, n. 2, p. 401-438, mai/ago. 2009.

BARRETO, M. do P. S. L. **Patriarcalismo e feminismo: uma retrospectiva histórica**. Revista Ártemis, vol. 1, dez, 2004.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 25 de nov. 2018.

BRASIL. Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada**. Disponível em: portal.mec.gov.br/observatorio-da-educacao/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12861-formacao-superior-para-a-docencia-na-educacao-basica Acesso em: 29 de nov. de 2018.

BRASIL. **Lei 13.104, de 9 de mar. 2015.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm>. Acesso em: 25 de nov. 2018.

BURRESON, J; LE COUTEUR, P. **Os botões de Napoleão: as 17 moléculas que mudaram a história.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006)

CARVALHO, M. E. P., PINTO, E. J. S., RABAY, G. **A relação de gênero nas escolhas de cursos superiores.** Revista Tempos e Espaços em educação, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 10, n. 22, p. 47-58, mai./ago. 2017.

CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre Estudos Culturais.** 1º ed., São Paulo, Boitempo Editorial, 2003.

FAGÚNDEZ, P. R. A. O Significado da modernidade. In: LEITE, J. R. M; FILHO, N. B. **Direito Ambiental Contemporâneo.** Barueri, SP: Manole, 2004.

FERREIRINHA, I. M. N; RAITZ, T. R. **As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas.** Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, mar/abr, 2010.

FOLLADOR, K. J. **A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental.** Revista fato & versões / n.2 v.1 / p. 3-16 / 2009.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso.** Tradução de: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade.** Tradução de: Raul Finker. São Paulo, ed. UNESP, 1991.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louri, 9º ed; DP&A, 2004.

JODELET, D. **Représentation sociales: un domaine en expansion**. In: JODELET, D. **Les représentations sociales**. PUF, Paris 1989.

LYOTARD, J. -F. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MAZZOTTI, A. J. A. **A abordagem estrutural das representações sociais**. São Paulo, p. 17-37, 2002.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, R. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. *Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

PARÁISO, M. A. **A ciranda do currículo com gênero poder e resistência**. *Currículo sem fronteiras*, v. 16, n. 3, p. 388-415, set./dez. 2016.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação e Realidade*, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

TOURAINÉ, A. **Crítica da Modernidade**. Tradução de: . 4º ed, Petrópolis, ed. Vozes, 1997.

VEIGA-NETO, A. **Cultura, culturas e educação**. *Revista Brasileira de Educação*, nº 23, mai/jun/jul/ago, 2003.

